

Isto é um poema que cura os peixes

Jean-Pierre Siméon

Ilustrações Olivier Tallec

Tradução Ruy Proença

Temas Poesia; Amizade; Solidariedade; Descoberta

Comboio
de Corda

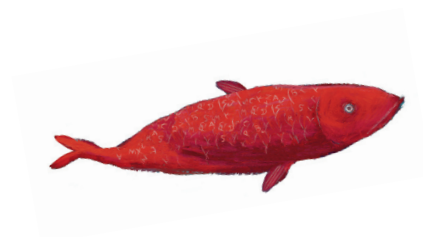
ÁLBUM



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



48 páginas



O AUTOR O francês Jean-Pierre Siméon não escreve apenas livros para crianças. Nascido em Paris, em 1950, ele é autor de poemas, romances, peças de teatro e ensaios. Recebeu importantes prêmios, como o Maurice Scève (1981), o Antonin Artaud (1984), o Guillaume Apollinaire (1994) e, em 1978, o Théophile Briant, por sua obra poética.

Empenhado em divulgar a poesia francesa, Siméon é diretor artístico de uma associação chamada Printemps des Poètes [Primavera dos Poetas], um centro de pesquisa e referência sobre poesia na França, que tem o apoio do governo, para “promover a poesia em todas as suas formas”. Além disso, Jean-Pierre Siméon ensina letras modernas no Instituto Universitário de Formação de Mestres da cidade de Clermond-Ferrand, onde mora.

O ILUSTRADOR Olivier Tallec nasceu em Morlaix, França, em 1970. Coursou a Escola Superior de Artes Gráficas de Paris e começou trabalhando em publicidade. Desde 1997, ilustra jornais, revistas e livros infantis. Seu estilo é marcado pelo uso de formas arredondadas e cores fortes, realçadas por finos traços a lápis.

Em 2006, *Il faudra* [Será preciso], livro escrito por Thierry Lenain e ilustrado por Tallec, recebeu o prêmio especial do júri do Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Oscar do livro infantil.



2008996275042

PEQUENA HISTÓRIA

Léo, o peixe de Artur, vai morrer de tristeza. E parece que só há uma maneira de salvá-lo: o garoto precisa fazer um poema para ele. O problema é que Artur não sabe o que é isso. No entanto, como está determinado a ajudar seu amigo, sai à procura de um poema pela casa toda. Olha dentro dos armários e até embaixo da cama, mas não encontra nada. Então resolve perguntar aos seus conhecidos. E para dificultar a situação cada pessoa lhe dá uma definição diferente! Decepcionado, Artur volta para casa. Léo continua dormindo bem no fundo do aquário. E mesmo sem encontrar um poema, repete para o peixe tudo o que aprendeu em sua busca. Léo então abre os olhos e fala pela primeira vez: declara que também é um poeta, e o poema é seu silêncio.

NADANDO NO LIVRO

A quietude de Léo é motivo para Artur iniciar uma viagem que, apesar de o levar a poucas quadras de distância de sua casa, faz com que ele descubra um mundo de infinitas possibilidades: o das palavras, dos sons e das rimas.

Para evitar que o seu pacífico e filosófico peixinho morra de tristeza, Artur precisa descobrir o que é um poema para presentear Léo.

O autor do livro, Jean-Pierre Siméon, propõe que as crianças pensem em uma questão que há muito tempo se discute: para que serve a arte e, em especial, a poesia? Ela existe só para ser bonita e admirada ou tem alguma outra função?

Para o autor, não resta dúvida de que a poesia pode ser uma salvação. Por isso, propõe que a cura do peixe venha por intermédio de um poema. É possível aproximar essa idéia central de *Isto é um poema que cura os peixes* de uma tese do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860): a influência da arte sobre o homem é tão grande que ela consiste no primeiro caminho para escapar da dor que a vida lhe impõe.

Neste livro, duas formas de arte se juntam para tratar da poesia: o texto e a ilustração. As criações de Olivier Tallec não são meras “figuras” para deixar a obra mais bonita. Elas complementam o texto de Siméon, muitas vezes ajudando a esclarecer o sentido das palavras. Com cores vivas, o ilustrador interpreta e ilumina os múltiplos sentidos da palavra “poema” encontrados por Artur.

COMO É UM LÉO DE VERDADE

O peixinho de Artur, um *Carassius auratus* ou peixe-dourado, é originário da Ásia oriental. Também conhecido como peixe-vermelho ou *kinguio*, é da mesma família das carpas e foi uma das primeiras espécies domesticadas pelo homem, na China.

Até hoje, os peixinhos-dourados estão entre os preferidos dos aquaristas de todo o mundo. Além de resistentes, eles são muito pacíficos e convivem com qualquer outra espécie.

COM LICENÇA, A POESIA

Os poetas fazem arte empregando as mesmas palavras que todo mundo, só que de modo diferente. Nesse ofício, pode-se desobedecer às regras da gramática ou inventar palavras, sem que isso seja considerado errado. Pelo contrário: a “bagunça” que o poeta faz com as palavras e com a norma culta é o que torna a poesia uma maneira tão especial de se expressar.

A liberdade no uso da linguagem é a essência da poesia e recebe o nome de **licença poética**. Por exemplo: quando o velho Mamede fala que “Um poema é quando você escuta/ bater o coração das pedras” (p. 24), ele sabe muito bem que pedras de verdade não têm coração, mas aproveita essa metáfora (veja p. 5) para dizer que a poesia é uma maneira de ver além do que a realidade nos mostra.

A liberdade de escrita do poeta leva as palavras a ganhar diversos significados, dependendo da maneira como cada pessoa lê o poema. Não existe uma interpretação “certa” para um texto poético, assim como não há uma única definição para a palavra “poema”.

CADA RESPOSTA, UM RECURSO

As pessoas com quem Artur fala lhe dão definições diferentes de “poema”, de acordo com seu universo particular: Tatá, o apaixonado vendedor de bicicletas, fala de amor; dona Golda, a padreira, compara o calor do poema com o do pão; o canário Aristófanes, que vive numa gaiola, evoca os muros de uma prisão.

Os diversos personagens servem, também, para o autor apresentar diferentes recursos poéticos. Por exemplo: a fala do pano de chão gripado (“*zem boema bor agui*”, p. 12) se aproxima da **onomatopéia**, imitação de ruídos de objetos, fenômenos da natureza, seres inanimados ou vozes de animais.

A exploração do som das palavras está presente, mais uma vez, na escolha do nome do vendedor de bicicletas, Tatá. Aqui, é mostrada a **aliteração**, figura de linguagem que consiste em repetir letras ou sílabas, em geral, no começo das palavras (“vendedor de bicycle**TA TA-TÁ**”).

Na padaria, dona Golda e dona Serafina personificam a **antítese**, aproximação de palavras ou expressões contrárias (gorda x fina) para dar ênfase ao que se quer expressar. E o canário Aristófanes, o pano de chão e os macarrões são exemplos de personificação ou **prosopopéia**, atribuição de ações humanas a objetos ou animais.



PENSAR E SORRIR COM MAGRITTE

René Magritte nasceu em 1898, na cidade belga de Lessines. Pintor surrealista, usava a pintura para expressar seus pensamentos. Sua obra é cheia de marcas registradas: chapéu-coco, pássaros, nuvens, pilares. Com suas combinações malucas de elementos, Magritte gostava de fazer pensar e sorrir, explorando contradições e dualidades. E, até hoje, pintores, músicos e escritores (como o autor deste livro) gostam de reinterpretar suas frases mais famosas: “Isto não é”/“Isto é”. A idéia apareceu pela primeira vez em 1929, no quadro *A traição das imagens*. Nele, o belga pintou um cachimbo (como os que apareciam nos anúncios de tabacaria da época) com a legenda “Isto não é um cachimbo”. E realmente não era. Era apenas uma pintura de um cachimbo ou um cachimbo ideal, talvez. Uma confusão divertida, bem ao gosto de Magritte, que fez outras obras com frases desse tipo ao longo de sua carreira.

COMÉDIA E CRÍTICA

O dramaturgo Aristófanes (cerca de 447-385 a.C.) nasceu em Atenas e é o grande representante da comédia grega. Teria escrito mais de 40 peças de teatro, mas apenas 11 sobreviveram até a nossa era. Aristófanes criticava todas as personalidades influentes de sua época, escrevendo diálogos sarcásticos. Numa de suas obras mais conhecidas, *As nuvens*, escreve que Sócrates é má influência para a sociedade. Já na peça *Lisístrata*, as mulheres fazem greve de sexo na tentativa de acabar com a guerra entre Atenas e Esparta.

POR TRÁS DAS PALAVRAS

Outro recurso utilizado por Jean-Pierre Siméon é a **alusão**, a referência (que pode ser ou não explícita) a outra obra, autor ou momento histórico. Por exemplo: Aristófanes, que dá nome ao passarinho de Artur, foi um dramaturgo grego.

Há alusão também ao pintor surrealista belga René Magritte (1898-1967). Tanto o título do livro (*Isto é um poema que cura os peixes*) como sua primeira frase, ainda na página de rosto (“Isto não é um peixe que cura os poemas”, p. 4-5), fazem referência a uma série de obras do pintor que brincam com definições. Nesses quadros, as figuras são acompanhadas de legendas que começam por “Isto é” ou “Isto não é”.

No original, o autor brinca com o sentido da palavra “tuba”, “*hélicon*”, em francês. Na mitologia grega, o monte Hélicon era a morada de algumas das musas e nele ficavam as fontes de Aganipe e Hipocrene, que davam inspiração poética a quem bebesse suas águas.

CALANDO TAMBÉM SE FALA

Léo diz para Artur que o poema é seu silêncio e, de repente, tudo faz sentido: peixe e menino navegam juntos pelo mundo.

Na poesia, o silêncio não representa uma ausência, mas uma possibilidade de sentido. O que o poeta cala diz tanto quanto o que ele enuncia, porque sinaliza algo que está faltando, que há um espaço a ser preenchido.

Para o poeta americano E. E. Cummings (1894-1962), voz e silêncio são duas faces da mesma moeda. O silêncio é o pré-requisito da fala, o espaço em que ela pode aflorar. Os cinco sentidos podem percebê-lo, mesmo que as pessoas não consigam colocá-lo em palavras. Para Cummings, a poesia é uma forma de transformar o invisível em visível e se compõe de voz e silêncio.

VASCULHANDO UM POUCO MAIS

No mundo da poesia, as coisas não precisam ser como todo mundo acha que elas devem ser. Aliás, é até melhor que não sejam, porque a poesia brota quando há fantasia, dúvida, vontade de enxergar mais do que a realidade mostra.

A poesia mostra aos leitores que existem várias maneiras de usar as palavras e a linguagem, aumentando sua capacidade de expressão verbal. O poeta José Paulo Paes, em *Poesia para crian-*

ças: *um depoimento* (São Paulo: Giordano, 1996), chama a atenção para o aspecto de “surpresa” da poesia, que revela sentidos e propriedades escondidas nas palavras usadas todos os dias.

Para as crianças, o contato com essa forma livre da linguagem é essencial (e, ao mesmo tempo, muito trabalhoso), já que os poemas têm o poder de abrir as portas da imaginação, deixando-as mais sensíveis para perceber, dialogar e questionar as pessoas à sua volta e o mundo em que vivem.

Georges Jean, o maior especialista francês em uso da poesia na escola, vai além. Para ele, a poesia, sendo ato criativo, pode ser considerada um caminho para a salvação da alma. No livro *Na escola da poesia* (Lisboa: Instituto Piaget, 1996), ele explica que as artes, como a poesia, não existem apenas para ser contempladas, escutadas ou lidas, mas também para ser transformadas.

Ao ler um poema, o leitor o reescreve mentalmente, conferindo a sua própria interpretação ao texto, fazendo dele uma criação exclusiva. De acordo com Jean, a poesia ensina a ver a realidade com os olhos do imaginário, questionando todas as regras e aguçando a sensibilidade, os sentidos e a inteligência.

IMPERTINÊNCIA QUE TRANSFORMA

Quando o canário Aristófanes diz a Artur que “Poema é quando as palavras/ batem asas” (p. 29), está fazendo uso de um dos recursos mais empregados pelos poetas: a **metáfora**.

Metáfora é quando empregamos as palavras fora do lugar onde elas costumam estar, uma espécie de impertinência da linguagem. Aristófanes sabe que as palavras não têm asas. No entanto, para falar sobre a liberdade, condição básica da poesia, ele aproxima essas duas coisas que não andam juntas na realidade objetiva, mas que convivem em total harmonia no mundo poético.

O filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) definia a metáfora como a transposição do nome de uma coisa para outra, uma espécie de enigma que deixa a linguagem mais rica. Em todas as línguas, há metáforas que, com o passar do tempo, caem no uso comum (tornam-se lexicalizadas). É quando dizemos que certa menina “é uma flor” ou que alguém de quem não gostamos “é um cachorro”.

Para o filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005), é pela metáfora que a linguagem libera o seu poder de descrever a realidade de maneira diferente. É como diz a avó de Artur sobre o poema: de certa forma, a metáfora “vira as palavras do avesso” (p. 32), transformando a linguagem e o mundo.

TANTAS FORMAS QUANTOS POETAS

Para cada pessoa a que Artur pergunta, a poesia tem um sentido diferente. Nem os poetas sabem ao certo o que significa “poema”. E é precisamente essa “indefinição” que faz a poesia ser tão rica e poderosa, pois ela pode acontecer das mais diversas formas.

Muita gente acha que poemas são textos em que as frases terminam em rima. Isso até pode ser verdade em alguns casos, mas não deve ser considerada uma regra. Por exemplo, os chamados “versos livres” dispensam a rima.

A definição de poesia também varia de acordo com a época e o lugar em que é escrita, com o assunto de que trata e, é claro, com a personalidade de quem a escreve.

Aqui no Brasil, do final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX, boa parte dos poetas seguia o estilo “parnasiano”, que pregava a arte pela arte, sem intenções políticas ou educativas. Foi a época de ouro dos sonetos, quando autores como Olavo Bilac construía poemas preocupados não apenas com seu conteúdo, mas também com a beleza formal dos versos.

Na segunda década do século XX, poetas como Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e Mário de Andrade foram contra as propostas dos parnasianos e renovaram a poesia brasileira.

No final da década de 1950, Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos, entre outros autores, propuseram a chamada “poesia concreta”. Acreditando que a maneira convencional de fazer versos estava desgastada, os poetas concretos começaram a fazer uma espécie de desenho com as palavras.

Esses são apenas alguns exemplos, porque a poesia está sempre em transformação.



QUEBRANDO O SILÊNCIO

ANTES DA LEITURA

Talvez nem todas as crianças saibam o que significa “morrer de tristeza”. Assim, uma maneira dinâmica de colocá-las em contato com esse sentimento e prepará-las para ler o livro é propor uma brincadeira. O professor escreve no quadro a frase “Se eu vivesse num aquário, eu...”. Em seguida, ele pede para cada um dos alunos completá-la com o que lhe vier à cabeça. Com base nas respostas das crianças, o professor pode comentar os sentimentos suscitados pela situação limitada em que Léo vive, fazendo os alunos “entrarem no clima” do texto.

Além disso, o professor pode propor uma discussão em classe para saber qual o grau de intimidade dos seus alunos com a poesia. A partir de uma pergunta simples (Quem já leu um poema?), as crianças vão dar suas colaborações espontâneas. O professor pode ajudar, lembrando exemplos de poemas apresentados anteriormente em sala de aula. Essa atividade serve para mostrar o espírito do livro que será trabalhado, facilitando a sua compreensão pelos alunos.

DURANTE A LEITURA

Isto é um poema que cura os peixes oferece uma ótima oportunidade ao professor de mostrar para as crianças que a poesia é quase uma maneira de fazer música. A diferença é que o poeta usa palavras em vez de instrumentos. Para descobrir os jogos sonoros empregados pelo autor, a oralização do texto pelas crianças é fundamental. Depois de uma primeira leitura individual e em silêncio, o professor pode propor que cada um dos alunos leia uma página do livro em voz alta, para toda a turma. Nas páginas em que a sonoridade tem presença marcante (como na fala do pano de chão ou na apresentação do vendedor de bicicletas), o professor pode interferir, chamando a atenção para a brincadeira feita pelo autor com os sons.

As ilustrações de Olivier Tallec são cheias de detalhes e surpresas. O professor pode propor uma brincadeira para que os alunos descubram esses segredos. Por exemplo: quantas vezes a palavra “poema” aparece escondida nas ilustrações? Que outra palavra aparece disfarçada nos desenhos? Em quantas páginas aparecem peixes em lugares estranhos? Onde aparecem envelopes nas ilustrações?

DEPOIS DA LEITURA

Os alunos podem seguir o exemplo de Artur e procurar suas próprias definições para “poema”, perguntando para colegas, professores, pais, parentes, amigos, procurando em dicionários,

livros ou revistas. O importante é anotar tudo no papel. Por fim, os alunos podem fazer seu próprio poema com uma definição, como Artur, e ilustrá-lo com desenhos ou colagens.

Que tal se Léo, Artur, Tatá, dona Golda, o velho Mamede, Aristófanos e os demais personagens de *Isto é um poema que cura os peixes* saíssem das páginas do livro e ganhassem vida dentro da sala de aula? Cada criança pode representar um dos personagens da história. Juntos, professor e alunos decidem como montar o cenário e qual deve ser a caracterização de cada um. Se o número de alunos for muito grande, a turma pode se dividir em grupos e organizar várias “montagens”. Nessa modalidade, os grupos também podem se revezar nos papéis de “público” e “companhia de teatro”: enquanto uma turma se apresenta, a outra assiste à “peça”. No fim, todos dão sua opinião.

EXPLORANDO O OCEANO

LIVROS

- *A grande questão*. Wolf Erlbruch. São Paulo: Cosac Naify, 2006. Um menino sai à procura de resposta a uma pergunta que paira no ar desde que a humanidade existe: por que viemos ao mundo? Enumerando explicações para a existência, o autor alemão Wolf Erlbruch convida os leitores a pensar e também acaba fazendo poesia.
- *Ninguém sabe o que é um poema*. Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática, 2005. Ricardo Azevedo explora, nos 38 poemas presentes no livro, como é que se faz um poema.

POEMAS

- “As lentas nuvens fazem sono”. Fernando Pessoa. In: *Poemas coligidos / inéditos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990. p. 551. Escrito em 1931, nesse poema não há qualquer menção à palavra “peixe”, mas o autor fala sobre como seria bom ser um. É um exemplo de que, na poesia, nem sempre precisamos explicitar aquilo de que estamos falando.
- “Adivinha dos peixes”. José Paulo Paes. Musicado por Paulo Bi no CD *De Paes para filhos*. São Paulo: MCD, 2005. O autor busca na cultura popular a inspiração desse texto, fazendo uma brincadeira de adivinhação com animais que vivem no fundo do mar. E ainda mostra que a poesia escrita para crianças não precisa ser infantil.



FILME

- *Sangue de poeta* (1930, França), de Jean Cocteau. Mostra a difícil arte de criar, o apego do artista à sua obra e o sofrimento a que esse processo de criação pode levar.

SITES

- *AquaBrazil* (www.geocities.com/aquabrazil/tipospeixe.htm). Informações para quem quer montar um aquário em casa. O *site* ensina como escolher os peixes, alimentá-los e cuidar para que não adoçam. É uma boa ferramenta para o professor buscar informações e responder à curiosidade dos alunos sobre peixes parecidos com Léo.
- *Jornal de Poesia* (www.jornaldepoesia.jor.br). Esse *site* reúne poemas, ensaios e biografias de mais de mil autores nas línguas portuguesa e espanhola de diversas épocas e movimentos literários. Nele, o professor encontra uma seção especial de poesia infantil.

